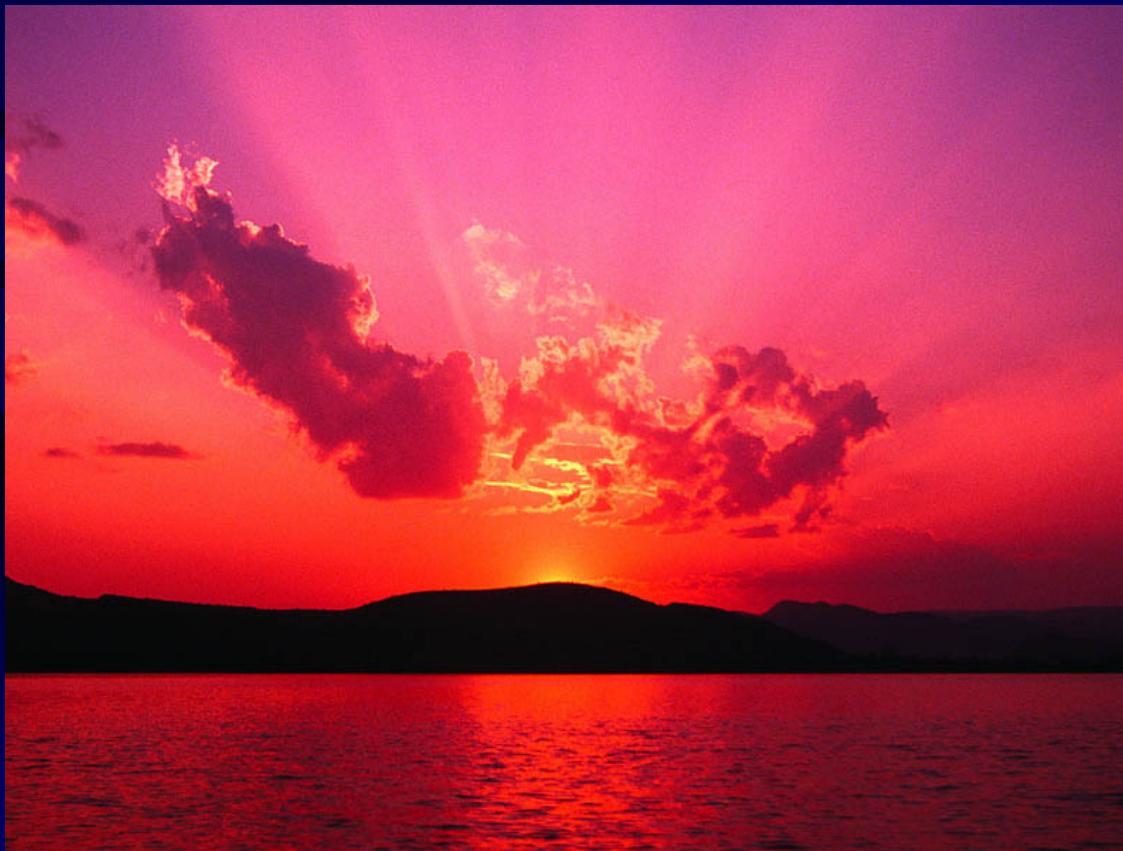


SUICÍDIO: FALSA SOLUÇÃO!





PROJETO
ESPIRITIZAR

Qualificar e Humanizar para Espiritizar

O VALOR DO
CONHECIMENTO
DE SI MESMO PARA
O ESPÍRITO
SUICIDA II

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- (Relato de Camilo Castelo Branco no livro *Memórias de um suicida, psicografia de Yvone Amaral Pereira*)
- [...] O segundo acontecimento que, a par do primeiro, con quanto vindo dois anos mais tarde, marcou roteiro decisivo para meu Espírito, foi a ciência que tive de mim mesmo, rebuscando no grande compêndio de minhalma as lembranças do pretérito, as quais há muito jaziam covardemente adormecidas devido à má-vontade da consciência em passá-la em revista integral, meticulosa.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Assim foi que, alguns dias depois da primeira aula de Ciências ministrada por Epaminondas de Vigo, tocou a minha vez de extrair dos arcanos profundos do ser a memória das encarnações passadas do meu Espírito em lutas pela conquista do progresso, memória que meu orgulho repudiava, confessando-se apavorado com as perspectivas que sentia palpitando em derredor.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Sentei-me, pois, à cadeira que se nos afigurava o venerável tribunal da Suprema Justiça, naqueles momentos terríveis em que enfrentávamos o lúcido instrutor. Silêncio absoluto circundava o recinto, como sempre. Apenas as vibrações mentais de Epaminondas, traduzidas em vocabulário escorreito, enchiam a atmosfera respeitável onde sacrossantos mistérios da Ciência Celeste se desvendavam para nos iluminar o Espírito ensombrado de ignorância.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Não ignoravam os circunstântes a espécie de indivíduo por mim acabada de exibir em Portugal, às voltas com um avezado orgulho que me corrompera o caráter, porque tão ruim bagagem moral me rondava ainda os passos, fazendo-me corte acintosa, não obstante a humílima condição a que me via reduzido.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- O que, porém, talvez nem todos soubessem, porque se tratava de fato que o mesmo orgulho raramente me permitia esclarecer, era que eu fora paupéríssimo de fortuna, lutando sempre asperamente contra a adversidade de uma pobreza desorientadora, a qual não só não me dava quartel como até desafiava quaisquer recursos, por meus raciocínios aventados, no intuito de suavizá-la;

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- e que, para fugir à calamidade da cegueira que sobre meus olhos, sem forças de resistência, estendia denso véu de sombras, reduzindo-me à indigência mais desapiedada que, para meu conceito, o mundo poderia abrigar, fora que me precipitara na satânica aventura cujas dolorosas consequências me condenavam às circunstâncias que todos conheciam.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Delicadamente os adjuntos preparam-me, tal como conviria ao réu que, frente a frente com o tribunal da Consciência, vai-se examinar, julgando a si próprio sem as atenuantes acomodatícias dos conceitos e subterfúgios humanos, porque o que ele vai ver é o que ele próprio deixou registrado nos arquivos vibratórios de sua alma através de cada uma das ações que andou praticando durante o existir de Espírito, encarnado ou não encarnado.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Rodearam-me os mestres, desferindo sobre as potencialidades do meu ser inferiorizado poderosos recursos fluídicos, no intuito caridoso de auxiliar. Era como se fossem médicos que me operassem a alma, pondo a descoberto sua anatomia para que eu mesmo a examinasse, descobrindo a origem dos males ferrenhos que me perseguiam, sem mais acusar a Providência!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Intuições de angústia auguravam desesperos em meu seio. Eu me teria certamente banhado em suores gelados, se fora ainda carnal o meu envoltório. Todavia, a sensação penosa do pavor acovardou-me e eu quis resistir, prevendo a vergonhosa situação que me esperava frente aos circunstantes, e, derramando pranto insopitável, pedi súplice, de molde a ser ouvido apenas por Epaminondas:

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- “- Senhor, por piedade! Compadeciei-vos de mim!”
- “- Não vaciles! - respondeu naquele tom imperioso que lhe era peculiar, enquanto suas palavras ressoavam pelo anfiteatro, ouvidas por todos. - A fim de operarmos a renovação interior que levará nossas almas à redenção precisaremos apoiar-nos na mais viva coragem! Sem decisão, sem heroísmo, sem valor não conseguiremos progredir, não marcharemos para a glória!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **Lembra-te de que os pusilânimes são punidos com a própria inferioridade em que se deixam permanecer, com a degradação de que se cercam! Lembra-te de que é a tua reabilitação que se impõe todas as vezes que a dor se acerca de ti, sempre que o sofrimento faz vibrar doridamente as fibras de teu ser! Sê forte, pois, porque o Sumo Criador premia as almas valorosas com a satisfação da Vitória!"**

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Então, harmonizando minhas próprias vontades com as dos tutelares que me dirigiam, não sei positivamente descrever o que se desenrolou em meu ser! Vi Epaminondas e a equipe de seus auxiliares acercarem-se de mim e me envolverem em estranhos jatos de luz. Invencível delíquio tonteou-me o cérebro como se das potências sagradas do meu "eu" repercussões excepcionais se levantassem, erguendo dos repositórios da alma, para se reanimarem em minha presença, toda a longa série de vidas planetárias que eu tivera no uso da responsabilidade e do livre-arbítrio!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Necessariamente, as demoras no Invisível entre uma e outra reencarnação acompanharam os dramas imensos passados na Terra, inseparáveis que são tais estágios das consequências acarretadas pelos atos praticados no setor terreno. Tive a impressão extraordinária e magnífica de me achar diante do meu próprio "eu" - ou do meu duplo - , se assim me posso expressar, tal como à frente de um espelho passasse a assistir ao que em minha própria memória se ia sucedendo em revivescência espantosa!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- A palavra irresistível do instrutor repercutiu, qual clarinada dominadora, pelo interior do meu Espírito apaziguado pela vontade de obedecer, e invadiu todos os escaninhos de minha Consciência, qual a irrupção de vagas que saltassem diques e se projetassem num impulso incoercível, inundando região indefesa:

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- “- Eu te ordeno, Alma criada para a glória da eleição no Seio Divino: Volta ao ponto de partida e estuda no livro que trazes dentro de ti mesma as lições que as experiências proporcionam! E contigo mesma aprende o cumprimento do Dever e o respeito à Lei dAquele que te criou! Traça, depois, tu mesma, os programas de resgates e edificação que te convêm, a fim de que a ti mesma devas a glória que edificares para alçares vôos redentores até o Seio Eterno de onde partiste!...”

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **Lentamente, senti-me envolver por singular entorpecimento, como se tudo ao meu redor rodopiasse vertiginosamente... Sombras espessas, quais nuvens ameaçadoras, circundavam-me a fronte... Meu pensamento afastou-se do anfiteatro, de Cidade Esperança, da Colônia Correcional... Já não distinguia Epaminondas, sequer o conhecia, e nem me recordava de meus companheiros de infortúnio...**

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **Todavia, eu não adormecera! Continuava lúcido e raciocinava, refletia, pensava, agia, o que indica que me encontrava na posse absoluta de mim mesmo... embora retrocedesse na escala das recordações acumuladas durante os séculos! . . . Perdi, pois, a lembrança do presente e mergulhei a Consciência no Passado...**
- **Então, senti-me vivendo no ano trinta e três da era cristã! Eu, porém, não recordava, simplesmente: - eu vivia essa época, estava nela como realmente estive!**

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **A velha cidade santa dos judeus - Jerusalém - vivia horas febricitantes nessa manhã ensolarada e quente. Encontrei-me possuído de alegria satânica, indo e vindo pelas ruas regurgitantes de forasteiros, promovendo arruaças, soprando intrigas, derramando boatos inquietadores, incentivando desordens, pois estávamos no grande dia do Calvário e sabia-se que um certo revolucionário, por nome Jesus de Nazaré, fora condenado à morte na cruz pelas autoridades de César, com mais dois outros réus.**

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Corri ao Pretório, sabendo que dali sairia para o patíbulo o sentenciado de quem tanto os judeus maldiziam. Eu era miserável, pobre e mau. Devia favores a muitos judeus de Jerusalém. Comia sobejos de suas mesas. Vestia-me dos trapos que me davam. Diante do Pretório, portanto, ovacionei, frenético, a figura hirsuta e torpe de Barrabás, ao passo que, à suprema tentativa do Procônsul para livrar o carpinteiro nazareno, pedi a execução deste em estertores de demônio enfurecido, pois aprazia-me assistir a tragédias, embebedar-me no sangue alheio, contemplar a desgraça ferindo indefesos e inocentes, aos quais desprezava, considerando-os pusilânimes.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- E presenciar aquele delicado jovem, tão belo quanto modesto, galgando pacientemente a encosta pedregosa sob a ardência inclemente do Sol, madeiro pesado aos ombros, atingido pelos açoites dos rudes soldados de Roma contrariados ante o dever de se exporem a subida tão árdua em pleno calor do meio-dia, era espetáculo que me saberia bem à maldade do caráter e a que, de qualquer forma, não poderia deixar de assistir!...

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **Contudo, revendo-me nesse passado, a mesma Consciência, que guardara este acontecimento, entrou a repudiá-lo, acusando-se violentamente. Como que suores de pavor e agonia empastaram-me a fronte alucinada pelo remorso e bradei enlouquecido, sentindo que meu grito ecoava por todos os recôncavos do meu Espírito:**
- **“- Oh! Jesus Nazareno! Meu Salvador e meu Mestre! Não fui eu, Senhor! Eu estava louco! Eu estava louco! Não me reconheço mais como inimigo Teu! Perdão! Perdão! Jesus!...”**

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Pranto rescaldante incendiou minhalma e recalcitrei, afastando a lembrança amargosa do pretérito. Mas, vigilante, bradou em seguida o catedrático ilustre, zeloso do progresso do seu pupilo:
- “- Avante, ó Alma, criação divina! Prossegue sem esmorecimentos, que da leitura que ora fazes em ti mesma será preciso que saias convertida ao serviço desse Mestre que ontem apedrejaste!”

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Eu não me poderia furtar ao impulso vibratório que me arrojava na sondagem desse passado remoto, porque ali estavam, com suas vontades conjugadas piedosamente em meu favor, Epaminondas e seus auxiliares; e prossegui, então, na recapitulação deprimente:

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Eis-me à frente do Pretório, em atitude hostil. Não houve insulto que minha palavra ferina deixasse de verberar contra o Nazareno. Feroz na minha pertinácia, acompanhei-o na jornada dolorosa gritando apupos e chalaças soezes; e confesso que só não o agredi a pedradas ou mesmo à força do meu braço assassino, por ser severo o policiamento em torno dele. É que eu me sentia inferior e mesquinho em toda parte onde me levavam as aventuras. Nutria inveja e ódio a tudo o que soubesse ou considerasse superior a mim!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Feio, hirsuto, ignobil, mutilado, pois faltava-me um braço, degenerado, ambicioso, de meu coração destilava o vírus da maldade. Eu maldizia e perseguia tudo, tudo o que reconhecesse belo e nobre, cônscio da minha impossibilidade de alcançá-lo!
- Integrando o cortejo extenso, entrei a desrespeitar com difamações vis e sarcasmos infames a sua Mãe sofredora e humilde, anjo condutor de ternuras inenarráveis para os homens degredados nos sofrimentos terrenos, já então, a mesma Maria, piedosa e consoladora, que agora me albergava maternalmente, com solicitudes celestes!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- E depois, em subsequências sinistras e aterradoras, eis-me a continuar o abominável papel de algoz denunciando cristãos ao Sinédrio, perseguindo, espionando, flagelando quanto podia por minha conta própria; apedrejando Estêvão, misturando-me à turba sanhuda do poviléu ignaro; atraíçoando os "santos do Senhor" pelo simples prazer de praticar o mal, pois não me assistiam nem mesmo os zelos que impeliam a raça hebraica à suposição de que defendia um patrimônio nacional quando tentava exterminar os cristãos:

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **eu não era filho de Israel! Viera de longe, incrédulo e aventureiro, da Gália distante, foragido de minha tribo, onde fora condenado à morte pelo duplo crime de traição à Pátria e homicídio, tendo aportado na Judéia casualmente, nos últimos meses do apostolado do Salvador!**
- **Fora-me, pois, concedida a oportunidade máxima de regeneração e eu a rejeitara, insurgindo-me contra a “Luz que brilhou no meio das trevas”...**

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Seguira, não obstante, o curso do tempo arrastando-me a lutas constantes. Reencarnações se sucederam através dos séculos... Eu pertencia às trevas... e durante o intervalo de uma existência a outra, aprazia-me permanecer nas inferiores camadas da animalidade!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Convites reiterados para os trabalhos de regeneração recebia eu em quaisquer planos a que me impelisse a sequência do existir, fosse na condição de homem ou na de Espírito despiido das vestes carnais, por quanto também nas regiões astrais inferiores ecoam as doçuras do Evangelho e a figura sublime do Crucificado é apontada como o modelo generoso a imitar-se!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **Mas fazia-me surdo, enceguecido pela má-vontade dos instintos, tal como sucede a tantos outros...**
Posso até asseverar que nem mesmo chegava a perceber com a devida clareza a diferença existente entre a encarnação e a estada no Invisível, pois era o meu modo de ser sempre o mesmo: a animalidade!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **Hoje sei que a lei imanente do Progresso, qual ímã sábio e irresistível, me impelia para novas possibilidades em corpos carnais, sob orientação de devotados obreiros do Senhor, fazendo-me renascer como homem a fim de que os choques da expiação e as lutas incessantes inerentes às condições da vida na Terra, os sofrimentos inevitáveis, oriundos do estado de imperfeição tanto do planeta como da sua Humanidade, me desenvolvessem lentamente as potências da alma embrutecida pela inferioridade.**

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- Na época a que me reporto, no entanto, nada disso percebia, e tanto a existência humana como o interregno no além-túmulo se me afiguravam uma e a mesma coisa!
- Mas através dos séculos experimentei também grandes infortúnios.
- Criminoso impenitente, atendo-me às práticas nefastas do mal, sofria, como é natural, o reverso de minhas próprias ações, cujos efeitos em meu próprio estado se refletiam.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

- **Subia, por vezes, a alturas famosas da escala social terrena, fato esse que não implica a posse de virtudes, porque eram ilimitadas as ambições que me orientavam! Tais ambições, porém, vis e degradantes, levavam-me a quedas morais retumbantes, chafurdando-me cada vez mais no pântano dos deméritos, e para minha Consciência criando responsabilidades atordoadoras!**

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- A causa de minha cegueira no século XIX:
 - Transcorriam os primeiros decênios do século XVII quando renasci nos arredores de Toledo, a antiga e nobre capital dos Visigodos, que as águas amigas e marulhentas do velho Tejo margeiam qual incansável sentinelas...

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Arrojava-me a outro renascimento nos
alcantilados proscênios terrestres em busca
de possibilidades para urgente aprendizado
que me libertasse o Espírito imerso em
confusões, o qual deveria aliviar os débitos
da consciência perante a Incorruptível Lei,
pois impunha-se a necessidade dos
testemunhos de resignação na pobreza, de
humildade passiva e regeneradora, de
conformidade ante um perjúrio de amor até
então em débito nos assentamentos do
Passado, de devotamento ao instituto da
Família.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Pertencia então a uma antiga família de nobres arruinados e, na ocasião, perseguidos por adversidades insuperáveis, tais como rivalidades políticas e religiosas e desavenças com a Coroa.
- A primeira juventude deixou-me ainda analfabeto, bracejando nas árduas tarefas do campo.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Apascentava ovelhas, arava a terra qual miserável tributário, repartindo-me em múltiplos afazeres sob o olhar severo de meu pai, rude fidalgo provinciano a quem desmedido orgulho religioso, inspirado nas idéias da Reforma, fizera cair em desgraça, no conceito do soberano, suspeitado que fora de infidelidade à fé católica e mantido em vigilância; rigoroso no trato da família como dos servos, qual condestável para os feudos.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Os rígidos deveres que me atinham à frente das responsabilidades agrárias, porém, mais ainda atiçavam em meu ímo a nostalgia singular que desalentava meu caráter, pois no recesso de minha alma tumultuavam ambições vertiginosas, descabidas em um jovem nas minhas penosas condições.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- **Sonhava, nada menos, do que abandonar o campo, insurgir-me contra o despotismo paterno, tornar-me homem culto e útil como os primos residentes em Madrid, alguns deles militares, cobertos de glórias e condecorações; outros formando na poderosa Companhia de Jesus, eruditos representantes da Igreja por mim considerada única justa e verdadeira, em desajuste com as opiniões paternas, que a repudiavam. Invejava essa parentela rica e poderosa, sentindo-me capaz dos mais pesados sacrifícios a fim de atingir posição social idêntica.**

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- [...]Dentre as numerosas moçoilas que alindavam nossa aldeia com a graça dos atrativos pessoais e as prendas morais que lhes eram recomendações inesquecíveis, destaquei uma, sobrinha de minha mãe, à qual havia muito admirava, sem contudo ousar externar sequer a mim mesmo os ardores que me avivavam o peito ao avistá-la e com ela falar.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- [...] Chamava-se Maria Magda. Era esbelta, linda, corada, com longas tranças negras e perfumadas que lhe iam à cinta, e belo par de olhos lânguidos e sedutores. Como eu, era filha de nobres arruinados, com a vantagem única de ter adquirido boa educação doméstica e mesmo social, graças à boa compreensão de seus pais.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- [...] Maria Magda, com quem, secretamente, eu concertara aliança matrimonial para ocasião propícia, preteriu-me por um jovem madrileno, primo de meu pai, adepto oculto da Reforma, que visitara nossa humilde mansão, conosco passando a temporada estival! Tratava-se de guapo militar de vinte e cinco anos, a quem muito bem assentavam os cabelos longos, os bigodes luzidios e aprumados, como bom cavalheiro da guarda real que era; a espada de copos reluzentes como ouro, as luvas de camurça, a capa oscilante e bem cheirosa, que lhe dava ares de herói!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Chamava-se Jacinto de Ornelas y Ruiz e acreditava-se, ou realmente era, conde provinciano, herdeiro de boas terras e boa fortuna. Entre sua figura reconhecidamente elegante, as vantagens financeiras que arrastava e a minha sombra rústica de lavrador bisonho e paupérrimo, não seria difícil a escolha para uma jovem que não atingira ainda as vinte primaveras!
- Jacinto de Ornelas não voltou sozinho à sua mansão de Madrid!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Maria Magda concordou em ligar seu destino ao dele pelos vínculos sagrados do Matrimônio, deixando a aldeia, afastando-se para sempre de mim, risonha e feliz, prevalecendo-se, para a traição infligida aos meus sentimentos de dignidade, do segredo dos nossos projetos, porquanto nossos pais tudo ignoravam a nosso respeito, enquanto eu, humilhado, o coração a sangrar insuportáveis torturas morais, tive, desde então,

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- o futuro irremediavelmente comprometido para aquela existência, falindo nos motivos para que reencarnei, olvidando conselhos e advertências de abnegados amigos, em vista da inconformidade e da revolta que eram o apanágio da minha personalidade!
- Jurei ódio eterno a ambos. Rancoroso e despeitado, desejei-lhes toda a sorte de desgraças, enquanto projetos de vingança compeliam minha mente a sugestões contumazes de maldade, tornando-me a existência num inferno sem bálsamos, num deserto de esperanças!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- [...] Fiz-me sacerdote com grande facilidade!
- A Companhia de Jesus, famosa pelo poderio exercido em todos os setores das sociedades regidas pela legislação católico-romana e pelos feitos e realizações que nem sempre primaram pela obediência e o respeito às recomendações do excenso patrono, de cujo nome usou e abusou, proporcionou-me auxílios inestimáveis, vantagens verdadeiramente inapreciáveis! Instruí-me brilhante e rapidamente à sua sombra, como tanto almejara desde a infância!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Absorvia, sequioso, o manancial de ilustração que me ofertavam na comunidade ao observarem minhas ambições frementes, fácil instrumento que seria eu para se amoldar sob o férreo domínio de suas garras! Era como se minha inteligência apenas recordasse do que era dado a aprender, tal o poder de assimilação que em minhas faculdades existia! Minha gratidão, por sua vez, não conheceu limites! Prendi-me à Companhia com todas as forças de que dispunha minha alma ardorosa.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Obedecia aos superiores com zelo fervoroso, servindo-os a contento, indo mesmo ao encontro dos seus desejos! Os interesses da Igreja, como do clero da organização em foco, aprendi a respeitar e servir acima de todas as demais conveniências, fossem quais fossem, tal como bem assentaria a um vero jesuíta!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Não me referirei à causa divina. Não a esposei, dela não cogitando a fim de edificar minhalma com as claridades da Justiça e do Dever. Tampouco aprendi a amar a Deus ou a servir o Mestre Redentor no seio da comunidade a que me filiara.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Assim sendo, isto é, a fim de todo esse detestável cabedal lograr adquirir, servi com zelos frenéticos às leis da Inquisição! Persegui, denunciei, caluniei, intriguei, menti, condenei, torturei, matei! Não o fazia, porém, propriamente com requintes de maldade: meu intento era servir os superiores, engrandecer a causa da Companhia, provar com dedicação imorredoura e incondicional a gratidão que me avassalara a alma apaixonada, pelo amparo que me haviam dispensado!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- 15 anos depois Camilo C. Branco reencontra Maria Magda e seu esposo. Começa a assediá-la. Como não foi correspondido, começa a utilizar dos recursos da inquisição para fazer com que ela cedesse à sua paixão.
- [...] Ora, Jacinto de Ornelas y Ruiz, que fora conhecedor da paixão que me infelicitara a existência, agora, vendo-me assediar-lhe o lar com atitudes amistosas, percebeu facilmente a natureza dos intentos que me animavam.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Eu, aliás, não procurava dissimulá-los. Agia, ao contrário disso, acintosamente, dado que a pessoa de um jesuíta e, ainda mais, oficial do Santo-Ofício, era inviolável para um leigo! Posto ao corrente dos fatos pela própria esposa, que junto dele procurava forças e conselhos a fim de resistir às minhas insidiosas propostas, encheu-se de temor, desacreditado dos laços de parentesco; e, concertando entendimentos e resoluções com os seus superiores, preparou-se a fim de deixar Madrid, buscando refúgio no estrangeiro para si próprio, como para a família.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Descobri-o, porém, a tempo! Viver sem Magda era tortura que já me não seria possível suportar! Eu quisera antes tornar-me desgraçado, ainda que desprezado por ela com descaso porventura mais chocante, quisera mesmo ser odiado com todas as forças do seu coração, mas que a tivesse ao alcance dos meus olhos, que a visse frequentemente, que a soubesse junto de mim, embora que em verdade separados estivéssemos por duras e irremediáveis impossibilidades!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Desesperado, pois, desejando o inatingível por qualquer preço, denunciei Jacinto de Ornelas como huguenote, ao Tribunal do Santo-Ofício, pensando livrar-me dele para melhor apossar-me da esposa! Provei com fatos a denúncia: livros heréticos em relação à Virgem Mãe, que sempre foram armas terríveis nas mãos dos denunciantes para perderem vítimas das suas perseguições, espantalhos fabricados, não raramente, pelos próprios que ofereciam a denúncia;

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- farta correspondência comprometedora com luteranos da Alemanha; inteligências com adeptos dispersos pelo país inteiro como pela França; sua ausência sistemática do confessionário, os próprios nomes dos filhos, que lembravam a Alemanha e a Inglaterra, mas não a Espanha, e cujos registros de batismo não pôde apresentar, alegando haverem sido realizadas na Holanda as importantes cerimônias. Tudo provei, não, porém, por zelo à causa da religião que eu pudesse considerar digna de respeito, mas para me vingar do desprezo que por amor dele Maria Magda me votava!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- **Uma vez preso e processado, Jacinto foi-me entregue por ordem de meus superiores, os quais me não puderam negar a primeira solicitação que no gênero eu lhes fazia, dados os bons serviços por mim prestados à instituição.**

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Conservei-o desde então no segredo de masmorra infecta, onde o desgraçado passou a suportar longa série de martirizantes privações, de angústias e sofrimentos indescritíveis, por inconcebíveis à mentalidade do homem hodierno, educado sob os auspícios de democracias que, embora bastante imperfeitas ainda, não podem permitir compreensão exata da aplicação das leis férreas e absurdas do passado!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- **Nele cevei a revolta que me estorcia o coração em me sentindo preterido pela mulher amada, em seu favor! Meu despeito inconsolável e o ciúme nefasto que me alucinara desde tantos anos inspiraram-me gêneros de torturas ferazes, as quais eu aplicava possuído de demoníaco prazer, recordando as faces rosadas de Maria Magda, que eu não beijara jamais; as tranças ondulantes cujo perfume não fora eu que aspirara; os braços cariciosos e lindos que a outro que não eu - que a ele! haviam ternamente prendido de encontro ao coração!**

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Cobrei, infame e satanicamente, a Jacinto de Ornelas y Ruiz, na sala de torturas do tribunal da Inquisição, em Madrid, todos os beijos e carícias que me roubara daquela a quem eu amara até à loucura e ao desespero! Fiz que lhe arrancassem as unhas e os dentes; que lhe fraturassem os dedos e deslocassem os pulsos; que lhe queimassem a sola dos pés até chagá-las, mas lentamente, pacientemente, com lâminas aquecidas sobre brasas; que lhe açoitassem as carnes, retalhando-as, e tudo a pretexto de salvá-lo do inferno por haver anatematizado, obrigando-o a confissões de supostas conspirações contra a Igreja, sob cujo nome me acobertei para a prática de vilezas.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- [...] Presa de enlouquecedoras inquietações, Magda procurou-me...
- Suplicou-me, por entre lágrimas, trégua e compaixão!
- [...] Cínico e cruel, respondi-lhe, interrogando se fora pensando em todos aqueles detalhes inefáveis de nossa juventude que, consigo mesma, ou certamente com Jacinto, concertara a traição abominável que me infligira...

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Falou-me dos filhos, que ficariam à mercê de duríssimas consequências, com o pai acusado pelo Santo-Ofício; e, ainda mais, se viesse ele a morrer, em vista do encarceramento prolongado; concluindo por suplicar, banhada em pranto, a vida e a liberdade do marido, como também a minha proteção a fim de se refugiarem na Inglaterra...
- Falei então, após lançar-lhe em rosto o odioso fel que extravasava de minha alma, vendo-a à mercê de minhas resoluções:

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- “- Terás de retorno teu marido, Maria Magda...
Mas sob uma condição, da qual não abrirei mão
jamas: Entrega-te! Sê minha! Consente em aliar
tua existência à minha, ainda que ocultamente...
e to restituirei sem mais incomodá-lo!...”
- Relutou a desgraçada ainda durante alguns dias.
Todos os arrazoados que uma dama virtuosa,
fiel à consciência e aos deveres que lhe são
próprios, poderia conceber a fim de eximir-se à
prevaricação, minha antiga noiva apresentou à
minha sanha de conquistador desalmado e
inescrupuloso, por entre lágrimas e súplicas, no
intuito de demover-me da resolução indigna.

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- **Mas eu me fizera irredutível e bárbaro, tal como ela própria, quando outrora lhe suplicara, desesperado ao me reconhecer abandonado, que se amerceasse de mim, não atraíçoando meu amor a benefício de Jacinto! Aquela mulher que eu tanto amara, que teria feito de mim o esposo escravo e humilde, tornara-me feroz com o perjúrio em favor de outro!**
Levantavam-se, então, das profundezas do meu ser psíquico, as remotas tendências maléficas que, em Jerusalém, no ano de 33, me fizeram condenar Jesus de Nazaré em favor da liberdade do bandoleiro Barrabás !

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- Quando, alguns dias depois do nosso entendimento, a desventurada noiva da minha juventude, contemplou o espetro a que se reduzira seu belo oficial de mosqueteiros, não mais trepidou em aceder aos meus ignóbeis caprichos! Eu a conduzira até ali propositadamente, a título de visitá-lo, observando que sua relutância ameaçava prolongar-se!

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- **Para suavizar os sofrimentos do marido, furtando-o às torturas diárias, que o extenuavam; a fim de conservar aquela vida para ela preciosa sobre todos os demais bens, e a qual minha sanha assassina ameaçava exterminar, a infeliz esposa curvou-se ao algoz, imolou-se para que de seu sacrifício resultasse a libertação, a vida do pai dos seus filhos muito queridos!**

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- [...] Maria Magda pedira-me a vida e a liberdade do marido e comprometi-me a conceder-lhas. Esqueceu-se, porém, de fazer-me prometer restituí-lo intacto, sem mutilações! Então, fiz que lhe vazassem os olhos, perfurando-os com pontas de ferro incandescido, assim barbaramente desgraçando-o, para sempre lançando-o nas trevas de martírio inominável,

A CAUSA DE MINHA CEGUEIRA NO SÉCULO XIX

- sem me aperceber de que existia um Deus Todo-Poderoso a contemplar, do alto da Sua Justiça, o meu ato abominável, que eu arquivara nos refolhos de minha consciência como refletido num espelho, a fim de acusar-me e de mim exigir inapeláveis resgates através dos séculos!